

VOZES em defesa da fé

CADERNO

44

**Você compreende
o que Deus
nos disse?**

x. 15.570



EDITORA VOZES LTDA.

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 44

**Você compreende o que
Deus nos disse?**



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1964

"CREIO" QUER DIZER "CONHEÇO".

Que Deus falou a toda a humanidade é fato histórico... fato que pode ser averiguado por quem quer que se dê o trabalho de fazê-lo.

O meio mais fácil de proceder é examinar cuidadosamente os fatos referentes a Jesus Cristo, isto é, — quem Ele é, o que fez, e o que ensinou, — conforme estes fatos são achados nos relatos históricos do Novo Testamento.

Jesus Cristo trouxe a cada um de nós importante informação a respeito de Deus e a respeito das relações dEle com o mundo e com toda a humanidade. E' uma informação que só Deus podia dar-nos, e, assim fazendo, Ele pôs à nossa disposição a sua ilimitada riqueza de conhecimento. A nossa aceitação dessa informação é a fé. E, crendo o que Deus nos disse, nós fazemos nossa essa informação.

A fé é, pois, conhecimento. "Creio" significa "conheço".

Esse conhecimento foi-nos comunicado por Deus, e portanto todo Ele é inquestionavelmente verdadeiro.

Quase toda gente crê em Deus. Há uma grande divergência de



opinião quanto ao que Deus nos disse sobre si mesmo... quanto ao que devemos crer sobre Ele... quanto ao que devemos fazer para alcançar a vida eterna na companhia dEle.

A idéia de algumas pessoas parece ser que o que nós podemos saber sobre Deus é tão vago e

incerto, que compete a cada indivíduo formar o seu próprio credo religioso. Estes ignoram inteiramente o fato de nos haver Deus dado informação definida que não está sujeita à nossa opinião pessoal, e da qual não podemos deduzir o que nós consideramos verdadeiro ou não verdadeiro.

O Credo dos Apóstolos, por exemplo, é um sumário das principais verdades contidas na informação que Deus nos deu e que a Igreja tem transmitido e explicado a cada geração desde os primeiros tempos cristãos. Ele não é apenas uma oração piedosa. Não é, tampouco, uma declaração idealista, baseada em conjectura e presunção humanas. Não é alguma coisa que somos livres de crer somente em parte ou de interpretar de qualquer

modo que convenha à nossa fantasia. Tal não é, evidentemente, a intenção das pessoas que crêem em Deus e que desejam agradecer-lhe e servi-lo. Ela é devida, usualmente, ao fato de muita gente sincera... mesmo os que são familiares com as palavras do Credo Apostólico... não apreenderem o pleno sentido e a tremenda significação dêste.

A não ser que tenha um sentido genuíno, a não ser que expresse uma verdade concreta e real, a não ser que traga informação positiva e prática à mente de uma pessoa, nenhum credo será jamais uma força viva na vida dessa pessoa. Isto é precisamente o que um credo religioso tem em mira ser — um credo segundo o qual viver.

O credo de um homem usualmente influencia-lhe a vida toda. À luz do seu credo êsse homem conhece Deus, conhece-se a si mesmo, conhece o mundo em que habita, e conhece a gente que o cerca — e, assim como crê, assim vive.

Consoante um escritor recente, “há uma geração atrás, era de moda asseverar que não faz diferença aquilo que um homem crê. Agora êsse tempo parece desde muito passado. Temos visto crenças fazerem os homens virar brutos, levarem nações a investir umas contra as outras, e mergulharem o mundo todo na angústia. Hoje nós sabemos que faz diferença qual o caminho que tomamos, o que é que o homem crê,

o que é que grupos de homens crêem, o que é que nações crêem”.

Cada pessoa tem alguma espécie de credo. Pode ser um credo anti-religioso ou irreligioso. Pode ser também algum dos muitos credos religiosos. Pode ser vago ou claro, permanente ou mudado cada ano... pode ser certo a alguns respeitos e errado sob outros aspectos — talvez errado na maior parte — mas cada um tem um credo seja lá qual fôr.

E’ importante, pensamos nós, que cada um de nós tenha o credo certo.

No que concerne aos católicos, o Credo Apostólico, corretamente entendido, é o credo certo. Ele resume a nossa atitude para com Deus, para com o homem e para com a nossa religião. Segundo êsse Credo diz, nós cremos em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, um só seu Filho, Nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu aos infernos, e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos. Subiu ao céu, e está sentado à mão direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. cremos no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna.

Cremos tôdas essas coisas porque as apóia a autoridade de

Deus... Pai Todo-Poderoso e nosso Criador.

A primeira coisa que o nosso credo nos diz sobre o próprio Deus é que *êle é o Pai Todo-poderoso*. De algum modo isso o torna muito familiar a nós, por ser êle um pai e nós compreendermos a paternidade.

A prova de tãda *paternidade* é *dar a vida*. Contudo, por mais essencial que o pai humano seja, êle desempenha apenas um papel de menor importância nas vastas complexidades do nascimento. Bem pouco pode êle saber sobre de onde vem a vida que êle dá, e como vem. Êle é um mero transmissor da vida, não é o criador dela. Sem embargo, é verdadeiramente pai, e tem razão de ufanar-se disto.

Deus é nosso pai num sentido muito além dêste. Êle conheceu o nosso ser inteiro antes que fôssemos feitos. Determinou quem nós seríamos e de que espécie seríamos. Planejou todo o processo pelo qual nós viemos ao ser, e predeterminou todos os resultados disso. A vida que êle nos deu é uma participação da sua própria existência.

Todo pai gera filhos à sua semelhança. Deus nos fez à sua



imagem e semelhança. Só nós, de tôdas as criaturas, temos essa qualidade sutil que nos faz pessoas distintas e individuais. Só nós, de tôdas as criaturas visíveis, temos mente para entender e vontade para determinar o nosso próprio destino. A relação entre Deus e nós é muito mais estreita

do que a relação entre Deus e as outras criaturas, porque a semelhança de pai e filho é mais estreita do que a relação entre Criador e criatura.

A função da paternidade é não somente dar a vida, mas também *prover* a esta. Deus foi muito liberal para conosco. Deu-nos não somente coisas para ocorrerem às nossas necessidades essenciais, tais como comida e rou-

Deus. E, por isso que as cremos, a nossa esperança na vida eterna que Deus planejou para nós não se baseia em vagas e ondulantes opiniões humanas, mas sim na certeza absoluta que delas o próprio Deus nos dá.

Como o vemos, a palavra com que o Credo Apostólico principia — “Creio” — poderia ser igualmente “Conheço — certamente!”

pa, mas também outras que formam a mecânica do universo, como o tempo, a luz, a energia que dirige os átomos e as estrêlas e ainda coisas mais nobres que alimentam o espírito, como a beleza e o saber.

Tudo isso Deus nos deu com mão liberal. Não fez apenas uma só rosa para nos deleitar, fez milhões delas; e não é somente um pequeno ramo de saber que podemos penetrar, mas sim todo saber é-nos deixado aberto a nós. Nós não temos somente o bastante para sustentar a vida, física ou espiritual; temos superabundância. Se há dificuldades na distribuição, isto é devido a deixar o homem de imitar seu Pai, e não a qualquer mesquinharia da parte de Deus.

Tudo isto implica *amor*. Deus nosso Pai não nos fez para nos esmagar debaixo dos pés, ou para rir das dificuldades em que somos envolvidos. Deus nos fez por amor, e nos ama por nos haver feito. Nenhuma mensagem mais forte do que esta pode ser achada na Bíblia.

O amor de Deus

Onde quer que a Bíblia fala de Deus como criador, tem algo a dizer sobre esse amor. No fim de cada um dos dias da criação é dito que Deus viu o que tinha feito, e era bom. Todas as coisas eram boas, por serem feitas por pura bondade; não que Deus precisasse delas, nem que fôsse melhor ou mais forte ou mais feliz pelas haver feito. Porém elas manifestavam a bon-

dade divina. Por isso eram todas tocadas de amor e cheias de beleza. "Tu amas todas as coisas que existem, e não odeias nenhuma das coisas que fizeste", diz o Livro da Sabedoria (11, 25).

Foi, portanto, o amor que levou Deus a fazer o homem à sua imagem e semelhança. E' o amor que leva Deus a manter o homem em existência e a aperfeiçoar nêle a sua própria imagem. O amor depende da bondade da coisa a ser amada, e o amor de Deus às suas criaturas torna-se mais forte à medida que a criação ascende na escala da vida. O homem está no tôpo; êle é o objeto mais adequado do amor de Deus.

Por ser Deus nosso Pai, todos os homens são nossos irmãos. Esta é a base real para a comum fraternidade do homem. Se nos compenetrarmos de que somos todos filhos do mesmo Pai, que nos ama e que quer que o imitemos, podemos aí achar uma base para o mútuo amor. "Caríssimos, se assim Deus nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros", diz S. João (1 Jo 4, 11).

Mas, ao passo que nós podemos compreender Deus como nosso Pai, mais difícil é compreendê-lo como Deus *Onipotente*. Tudo nêle é diferente e terrível, e está fora do nosso poder natural de compreender.

Por exemplo, êle é eterno. Há um nome muito estranho que Deus se deu a si mesmo falando a Moisés: — "Eu sou aquêle que é" (Êx 3, 14). Cristo, que também

era Deus, também falou dessa maneira singular. "Antes que Abraão fôsse, eu sou" (Jo 8, 58). Abraão tinha vivido centenas de anos antes de Cristo, e no entanto Jesus não disse "eu era", mas sim "eu sou". Para Deus só há um tempo, o presente. O tempo é uma condição do nosso mundo material, e é uma imperfeição. Parte de nós está para trás, no passado, e parte de nós ainda não nasceu. Porém a vida inteira de Deus está concentrada num "Agora" sempre presente, intenso.

Deus Todo-Poderoso

O Livro do Gênese nos diz como Deus fez todas as coisas. Por exemplo, ele disse: "Faça-se a luz" (Gn 1, 3). Como é que Deus sabia o que era a luz? Nunca houvera antes qualquer coisa dessa natureza, nem modelos pelos quais fazê-la. E, no entanto, não houve dificuldade nisso para Deus; ele conhece todas as coisas que existem e todas as infinitas variantes daquilo que poderia existir. Isto é a sua natureza. Ele é onisciente.

E' também onipotente. "Faça-se a luz", disse ele. "E a luz foi feita" (Gn 1, 3). Assim mesmo. Não houve dificuldade para Deus nisso. Ele não fez uma experiência de luz que sáísse mal, de modo que ele tivesse de experimentar novamente. Falou, e, à sua palavra, todas as coisas foram feitas. Se ele quisesse fazer outro universo, isso lhe seria tão fácil como o foi fazer o universo presente.

Todas essas coisas ele as fez *do nada*. Para nós isto é impossível de imaginar, por ser tão único. A única espécie de produção que nós conhecemos e à qual podemos compará-lo, sempre quer dizer mudar uma coisa em outra. Mas, para Deus, não houve nada que mudar em alguma outra coisa quando ele produziu o universo. Sem usar coisa alguma, ele produziu-o totalmente novo e inteiramente distinto de si mesmo. Nós não podemos imaginar o "nada" sem, consciente ou inconscientemente, fazê-lo "alguma coisa".

Para além da imaginação

Os artistas nunca podem pintar a criação do universo. Tudo o que podem fazer é sugerir-la, geralmente pintando Deus como um velho bondoso e poderoso, completamente circundado pelo espaço vazio, no qual vai espalhando vários planetas. Isto ao menos imprime na nossa mente algumas idéias importantes. Nós precisamos *pensar* sobre a criação, e não apenas imaginá-la. Embora Deus seja um espírito sem corpo ou partes de qualquer espécie, é um ser vivo, com reais poderes de pensar e de realizar a idéia que lhe está na mente. O universo é distinto d'ele. Não há nada divino no mundo exceto a sua origem. Esta é a sua importante relação para com Deus — é criatura sua. Importa procurarmos compreender o que quer dizer ser criatura.

Quando nós fazemos ou produzimos alguma coisa, tudo o que

fazemos é mudar ou transformar coisas. Isto é verdade de qualquer espécie de produção de que se possa cogitar. Quando uma mulher faz um chapéu novo, apenas toma vários materiais e lhes dá nova forma. Ela sempre usa alguma coisa que ela compõe e muda até ter a forma de um chapéu que ela tinha em mente. Tal como um projetista, ela poderia chamar "criação" sua um chapéu muito especial, por ser diferente de todos os outros chapéus. Não há modelo dêsse chapéu existente fora da idéia que lhe está na mente. O chapéu pode ser produto dela, mas não é criatura sua. Embora haja concebido a forma única do chapéu, ela dependeu dos materiais que usou. E êstes não são produto seu.

Tudo vem de Deus

O mundo é criatura de Deus por havê-lo Deus produzido na sua integridade. Ele não usou coisa alguma, ao criá-lo. Não dependeu de material preexistente, e só o modelo lhe estava na mente. Tudo o que existe, tudo o que o forma, é produto de Deus. A sua dependência d'Ele é *total*. E isto é o que significa ser criatura — total dependência de Deus.

E tudo no universo é criatura. O ato criador de Deus não é a resposta à questão da origem das grandes coisas somente — planetas, estrêlas, continentes, mares e montanhas, etc., — mas sim estende-se às mais pequenas coisas, um átomo, um grão de

pó, um pestanejar dos olhos. Deus é o Criador do céu e da terra — de tôdas as coisas.

Considerada como um ato de Deus Onipotente, a criação é um mistério, como bem poderíamos esperar que o fôsse. Que o mundo e tudo o que nêle há não tenha sido produzido de alguma coisa, isto só à onipotência de Deus é possível. A mente humana não pode sondar as possíveis realizações da Onipotência, mas pode ver que Deus não pode fazer aquilo que é absurdo, e também pode ver que a criação não é absurda. Esta não quer dizer "alguma coisa vinda do nada sem causa". A causa da criação é Deus, que é independente de cada um e de cada coisa na sua ação, como o é no seu próprio ser. Retamente compreendida, a criação não é "a mágica de tirar o mundo do chapéu vazio do espaço", mas é a atividade do poder infinito superando a mera possibilidade de criaturas distintas do Criador e tornando-as reais — dando-lhes existência real.

O Espírito é real

Sabemos que o mundo é real, tão real como os paus e as pedras que há em torno de nós, e alguns acham difícil admitir que tudo isso tenha vindo de um Espírito. Pode ser que a imaginação dêesses esteja trabalhando em excesso. Certamente a criação não quer dizer que o mundo tenha emanado de Deus como um trans-

bordamento da essência divina de que Ele é feito, e, por isso, deveria ser espiritual. O que eles precisam compreender é que um espírito é uma coisa real, que Deus, como espírito, é onipotente e não é forçado a produzir só aquilo que é espiritual. Paus e pedras têm o seu lugar e finalidade no mundo de Deus, tal como o têm o patriotismo e o pensamento do homem, coisas que ninguém jamais olhou sob um vidro de aumento.

Tudo o que o Credo católico lhe dirá é que o Criador pôs o universo em existência, e que este teve princípio. Há quanto tempo foi isso, e qual era a sua forma primeira e original, isto é problema para os cientistas resolverem. Quando eles provarem as suas teorias, nós os acompanharemos, porque aquilo que eles provarem não colidirá com a nossa Fé.

Infinito perfeito

Nada daquilo que a ciência tem estabelecido com certeza está em conflito com a Bíblia ou com o nosso Credo. Não foi intenção do autor do Gênesis fornecer a história da criação em minúcias científicas e de maneira científica, mas sim dar aos seus leitores uma importante verdade religiosa — de fato, uma verdade que é o fundamento da nossa religião: a dependência do universo em geral, e do homem em particular, para com Deus nosso Criador.

A fim de fazer isto, ele usou linguagem simplíssima, idéias e

expressões populares. Do contrário, não teria sido compreendido. Para gravar vivamente na mente dos seus leitores a verdade de que o mundo e tudo que nele há foi criado por Deus, ele descreveu a obra da criação como distribuída por seis dias. Evidentemente isto é um expediente literário.

Tudo o que nós sabemos sobre Deus pode ser resumido dizendo-se que ele é *infinitamente perfeito*. Toda bondade que há na terra, todo poder ou capacidade, toda virtude ou nobreza, tudo, em seu grau supremo, acha expressão nele.

Porém mesmo então há uma vasta diferença entre Deus, o Criador, e o homem, a criatura. Falamos de homens que têm amor. Deus é amor. Não te amor; é amor. O amor não teria sentido, não teria existência se Deus lhe não houvesse dado existência. O mesmo sucede com todas essas outras coisas. O homem é justo; Deus é a justiça. O homem é verdadeiro, Deus é a verdade. Deus é que é a fonte, a medida e a causa de todas essas coisas. Por isto lhe chamamos todo-perfeito.

Este é o Deus em quem nós cremos. E' infinito em todas as dimensões, único, e para além do nosso pleno entendimento. Mas não está para além do nosso conhecimento ou da nossa admiração e amor. Realmente, o dever mais alto do homem é conhecer e amar a Deus. Só nisto pode ele achar o seu destino.

A CRIATURA CHAMADA "HOMEM".



Do inimaginável vazio do nada Deus chamou à existência tôdas as suas criaturas. Criou-as em moldes, formas e capacidades largamente variadas, e no entanto elas formam uma ordenada escala de perfeição desde o mais simples mineral até o homem mais bem dotado. A pedra tem algo da perfeição de Deus; tem existência. Mas não se compara, em perfeição, com a rosa. E a rosa, por sua vez, é muito pobre comparada à vida do animal que pode mover-se e sentir as coisas.

Bem no alto está o *homem*. Ele se ergue no mais alto degrau da escala da perfeição terrena. Possui qualidades não possuídas por qualquer das outras criaturas de Deus visíveis. Consequentemente, é faltar à compreensão da vida humana falar do homem como se ele fôsse apenas uma abelha bem-educada. O ponto essencial da nossa vida juntamente com os animais neste planêta não é sermos como eles, mas *sermos vastamente diferentes deles*.

O Livro do Gênese nos diz por que razão existe essa diferença. No momentoso sexto dia da criação, Deus disse: "Produza a ter-

ra a criatura viva no seu gênero, gado e répteis e os animais da terra, segundo a sua espécie. E assim foi feito" (Gn 1, 24). Era a mesma ordem que ele havia dado para a criação do resto do universo.

Mas com o homem o ato foi muito diferente.

"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança: e tenha ele domínio sobre os peixes do mar, e sobre as aves do ar, e sobre os animais e a terra inteira, e sobre toda criatura rastejante que se move sobre a terra. E Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus criou-o" (Gn 1, 26, 27). Não houve nada mais assim em toda a extensão e largura do mundo visível.

O ponto preciso de diferença no homem é essa imagem de Deus, essa coisa espiritual chamada a sua *alma*. Mas, embora esta seja espiritual, nem por isso é irreal, ou incapaz de ser investigada. Esse espírito é uma coisa imaterial que opera através da mente e da vontade do homem, tal como o seu corpo opera por meio dos seus braços e pernas e sentidos.

A mente do homem é uma *analisadora de fatos*; não de simples fatos individuais, senão de princípios gerais que dêles se originam. Um homem não conhece somente o seu cão favorito; pode conhecer tôdas as espécies de cães. Pode classificá-los — “fox-terrier, bull-dogs, policiais, sabujos”, etc. Pode mesmo fazer mais do que isto e falar simplesmente do “cão em geral”, e saber perfeitamente o que quer dizer, mesmo se nunca viu coisa tal como um “cão em geral”.

Os cães não podem fazer isto. Não podem classificar homens como Protestantes e Católicos, e rosnar para uns e morder outros por causa de princípios religiosos. Eles se lembram dos indivíduos, mas não têm princípios gerais. E é por isto que não podem escrever livros, pintar quadros ou resolver um problema matemático.

A mente humana, entretanto, não é somente uma espécie de supercalculador, pode também *pensar*. Nós podemos pôr duas idéias juntas e deduzir uma nova conclusão pelo delicado processo de contrapesar, ao qual chamamos juízo. Assim, dizemos que um homem tem um bom juízo quando êle considera todos os ângulos antes de chegar a uma decisão. Mas êle chega a uma decisão, e isto é algo que as outras criaturas não podem fazer pelo processo do raciocínio mental.

Livre-Arbítrio

O segundo poder do espírito humano é *querer*, determinar-se, como dizemos. Nós podemos pen-

sar em meia-dúzia de coisas que poderíamos fazer agora mesmo, por exemplo: ligar a televisão, sair a passeio ou ler os jornais. Não podemos fazê-las tôdas a um tempo. Por isto escolhemos uma. Podemos mesmo resolver-nos a fazer a nossa mente fazer o seu trabalho.

A feição mais valiosa dêsse poder de vontade é que esta é *livre*. Nenhum homem pode forçá-la e nem Deus o quereria. Com uma dúzia de boas razões para continuar a ler êste folheto, você pode mesmo, por má-vontade, parar de lê-lo. Pode isso ser desarrazoado, mas seria prerrogativa sua. Ninguém pode forçá-lo a lê-lo, mesmo se êsse alguém o fizer sentar e lho puser nas suas mãos.

O nosso dever

Mas, se a vontade é livre de coerção, não é livre de *responsabilidade*. Longe disto. Tudo o mais no mundo tem regras segundo as quais opera. A vontade humana não faz exceção. De fato, a idéia de responsabilidade não tem sentido sem o livre-arbítrio. Se um homem fica louco furioso e atira nos seus amigos, podemos pô-lo em segurança por trás dos muros de uma instituição onde podemos vigiá-lo. Mas não o sentenciamos à morte. Damo-nos conta de que êle não é responsável, visto haver sido forçado ao seu ato por algum impulso estranho numa mente desarranjada.

Por outro lado, o homem é capaz de boas ações por causa do livre-arbítrio. O homem que corre para dentro de uma casa que

se incendeia e salva das chamas a criança adormecida não está obrigado a fazê-lo. Tem livre escolha, e por isto lhe damos uma medalha. Tôdas as nossas leis e tribunais operam com base no princípio de que a gente normal tem livre-arbítrio para escolher entre o certo e o errado, e tem responsabilidade em fazê-lo. Não há razão para crer que as leis e os tribunais de Deus tenham base diferente.

Há esta marca distintiva no espírito do homem: *êle não pode ser morto*. Até mesmo as coisas materiais recalcitram muito quanto a serem destruídas. Podemos quebrar móveis, mas então devemos desfazer-nos dos pedaços. Podemos queimá-los na fornalha, mas então há as cinzas, e das cinzas é muito difícil nos desfazermos, para não dizer nada de as destruímos. Mas o espírito não tem partes que possamos quebrar uma por uma como podemos fazer com êxito com móveis e outros objetos materiais. O espírito não é uma substância material. Não pode ser destruído.

Espírito imortal

O corpo morre porque é atacado por alguma desordem, e as várias partes que até então agiam juntas perdem o seu equilíbrio e seguem seus caminhos separados como grupos químicos. Mas o espírito não pode ser quebrado e transformado em algumas outras espécies de espíritos. Continua para sempre. A Bíblia diz frequentemente que o homem é imortal. Por exemplo, Cristo concluiu a

sua descrição do Juízo Final com estas palavras: "Êstes irão para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna" (Mt 25, 46). Note essa palavra "eterna".

Além da criação do homem, Deus fez outro mundo de *anjos*. É' surpreendente que hoje, em que tanto ouvimos falar de homens de outro planêta (coisa duvidosa, na melhor das hipóteses), ouçamos falar tão pouco dos anjos, que certamente existem e que visitam a terra todos os dias. Na escala da criação êles estão um grau mais alto do que o homem. Não têm corpo, absolutamente; são "puros" espíritos.

A Bíblia menciona-os muito cedo na sua história — no fim do terceiro capítulo do Gênese (Gn 3, 24), para sermos exato. Depois disso, êles vão e vêm em tôdas as suas páginas como uma coluna, infiltrando-se na linha de marcha da parada humana. Dêses anjos nós sabemos que êles foram submetidos a uma prova, como o foi o homem. Alguns dêles fracassaram. O chefe dêstes é chamado no Apocalipse (12, 9) "o demônio" ou "Satanás".

Encontrar-nos-emos com êle continuamente no resto dêste folheto, e por isto devemos dizer o seguinte sobre êle: êle é o Príncipe do Mal. Embora esteja condenado e no inferno, Deus deixa-o procurar estabelecer o seu reino aqui na terra. Por isto êle é chamado na Bíblia "o príncipe dêste mundo" (p. ex., Jo 12, 31), e alardeia (com exagêro) que todos os reinos do mundo estão em seu poder (Lc 4, 6). A

sua primeira tentativa para fazer recrutas, a tentação de Adão, foi bem sucedida.

Os dons do homem

Mas, antes de podermos compreender o que aconteceu ao primeiro homem, devemos saber alguma coisa acerca do "sobrenatural". O sobrenatural tem muito pouco que ver com fantasmas e com casas mal-assombradas e com tôda esta espécie de coisas. Mas ao menos êste muito é popularmente compreendido sôbre êle: que êle está acima do curso natural das coisas.

Tôdas as criaturas da terra são hoje justamente aquilo que a sua natureza exige, nada menos — exceto o homem. O homem era, por sua natureza, o mais belo animal na terra — um animal com espírito. Poderia conhecer as coisas, até mesmo Deus, olhando para o mundo ao redor de si. Poderia determinar-se a seguir as leis que governam o livre-arbítrio, e poderia ser feliz com o seu conhecimento e amor do Deus da natureza.

«Ver a Deus»

Porém Deus deu ao homem uma sobrenatureza — a capacidade de conhecer as coisas de uma nova forma. Na terra esta espécie de conhecimento é chamada "fé"; no céu, é chamada "ver a Deus face a face" (1 Cor 13, 12). Ao homem foi igualmente dado um nôvo poder de vontade, de modo que êle pudesse amar de modo sobrenatural. Porém mais do que tudo foi-lhe dada uma *nova espécie de*

vida que era a raiz dessas coisas. A essa vida chamamos "graça", e é uma participação da vida da qual o próprio Deus vive. O destino dessa vida sobrenatural é muito maior do que o da vida natural. Em vez de felicidade natural, essa vida oferece o Céu — a felicidade da vida eterna com Deus.

O Livro do Gênese nos diz que Adão era um amigo de Deus no modo especial da graça sobrenatural. Também era o chefe de todo o gênero humano que devia vir após êle. Havia regras especiais nessa ordem sobrenatural. Deus deu uma dessas regras a Adão — não comer do fruto de certa árvore. Era uma prova de Adão como chefe da raça. Adão fracassou, o que quer dizer que o homem fracassou. Comeu do próprio fruto de que Deus lhe proibira comer. Então não foi mais um amigo de Deus, e a perda dessa amizade significou uma perda da graça. A vida sobrenatural se extinguiu.

Com ela, perdeu-se uma porção de outros dons que Deus tinha dado a Adão como o primeiro homem dotado da graça. A morte entrou, e veio a doença e a perturbação no trabalho, e veio a dor do parto para Eva. A facilidade de aprender saiu do homem, e por cima de tudo ficou em suspenso a imensa dívida de haver êle pecado contra Deus. E' verdade que, no meio de todo êsse naufrágio, algum bem foi deixado a Adão. Por exemplo, o seu livre-arbítrio.

Todos esses defeitos ele transmitiu a seus filhos, como um homem transmite certas qualidades por hereditariedade. O primeiro desses defeitos foi, sem dúvida, o pecado original. Os filhos de Adão (e nós todos somos filhos de Adão) nascem sem a graça. Não é como se fôsse de esperar que eles não tivessem a graça. Deviam tê-la, mas não a têm. Por isto Deus não podia senão ficar desgostoso com eles desde o começo. E eles herdaram, do mesmo modo, todos os outros males, dos quais a morte é ao mesmo tempo o resumo e o sêlo.

Esperança para todos

Contudo, como cada um sabe, a história bíblica não finda com o desespero criado nas suas primeiras páginas. Na verdade, a nota inteira do Antigo Testamento é a *esperança*. Os homens estão sempre diminuindo o presente, dizendo o quanto as coisas eram melhores quando eles eram moços, e como o futuro vai ser mau. Porém a Bíblia está sempre a nos dizer como é mau o presente e como o futuro vai ser bom.

A Bíblia persistiu dizendo ao mundo que bando de loucos eram os homens. Mas não disse: "Os tempos tornam-se sempre piores". Disse: "Os tempos vão ficar melhores". Quando a sombra do desastre era mais negra para o seu povo, Isaías foi inspirado a dizer: "O povo que andava nas trevas viu a grande luz; para os que habitavam na região da sombra da morte surgiu a luz" (Is 9, 2).

A razão básica para essa esperança era algo que Deus tinha dito a Adão logo depois do seu pecado, e que você pode ler no terceiro capítulo do Gênesis, versículo 15. Em substância, Deus disse que haveria um grande e duradouro conflito entre o demônio e o gênero humano. Mas um dia a luta viraria decisivamente em favor do homem por intermédio do rebento de Adão que esmagaria a cabeça do demônio.

Sob provação

Deus não pretendeu redimir o homem imediatamente. Devia haver um longo período durante o qual o homem ficaria sabendo a gravidade do seu pecado e a sua necessidade de Deus. Por isso o mundo lançou-se na dura senda do pessimismo, da confusão e do pecado. Os homens vagavam longe de Deus, mas não podiam esquecer-se dEle. Adoravam paus e pedras, animais e outros homens. Mas o seu pessimismo e senso de culpa aumentava enquanto a sua adoração se tornava mais frenética e os seus deuses mais anormais e abomináveis.

Uma raça Deus escolheu dessa triste mixórdia para manter vivo o conhecimento dEle, numa perspectiva verdadeira. Mas para o próprio *Povo Escolhido* foi essa uma dura educação, cheia de muitas repreensões e de faltas desapontadoras.

Todavia, à medida que os tempos se tornavam piores, a esperança se tornava mais brilhante. Ao Povo Escolhido era explicado que o Salvador futuro o salvaria

do pecado por meio dos seus próprios sofrimentos. "Todos nós, como ovelhas, nos havemos desgarrado, cada um se desviou para o seu próprio caminho; e o Senhor depositou sobre si a iniquidade de todos nós... Foi ferido por causa das nossas iniquidades, foi triturado por causa dos nossos pecados; o castigo da paz esteve sobre ele, e pelas suas feridas nós somos curados" (Is 53, 65).

Ele seria o chefe do gênero humano na vitória dêste, seria um grande e invencível rei. Assim David viu Deus dizendo ao seu Salvador: "O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos o escabêlo dos teus pés... lança-te no meio dos teus inimigos" (Sl 109, 1, 2). Ele seria chefe noutro sentido também; no sentido de que os sacerdotes sempre haviam conduzido os homens para Deus. "Ês sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec", diz dêle David no Salmo supracitado (Sl 109, 4).

Mas deveria haver também nesse Chefe uma humanidade palpável. "Pois um menino nos nasceu, e um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros: e o seu nome será chamado Admirável, Conselheiro, Deus Onipotente, Pai do século futuro, Príncipe da paz", disse sobre ele Isaías (Is 9, 6).

«Deus o Poderoso»

Em tudo isto havia insinuações de uma grandeza sobre-humana no homem. Daniel disse do

reino dêle: "O seu poder é um poder eterno que não lhe será tirado; e o seu reino não será destruído" (Dan 7, 14). De fato, numa das profecias foi dado ao Salvador um nome que os judeus evitavam usar, tão perto estava êle do inefável nome do próprio Deus. Pois êle foi chamado na profecia de Isaías (Is 9, 6) "Deus o Poderoso".

Assim viveu o mundo sabemos agora por quantos séculos. Fora do Povo Escolhido, o pecado paulatinamente tornou-se intolerável. Tôdas aquelas grandes virtudes sobre as quais deve assentar a sociedade dos homens eram vistas por um momento e depressa abandonadas como altas demais e por demais difíceis. Deuses estranhos vieram precipitando-se das vazias vastidões dos desertos e das montanhas, para investirem contra as confortáveis civilizações e prontamente dissiparem o apêlo delas aos homens. Os próprios Judeus, vivendo uma existência precária entre o orgulho humano e a esperança divina, perderam o belo fervor pela conquista espiritual que haviam esperado realizar.

Não era aquêle um tempo em que o mundo tivesse a capacidade de produzir um grande herói. Em vez disso, era um tempo em que êle precisava desesperadamente de um *Salvador*. Era o tempo de Deus. "Assim também nós, quando éramos crianças, estávamos escravizados aos elementos do mundo. Mas, quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido da mulher, nascido sob a Lei, para que redimisse

n chamado Cristo.



ce
i-
is
er
no
u-
er
li-
n-
or
se
s,
menos ca-
estavam
r.
deus dis-
disse que
itos sécu-
o ver, no
viu e re-
ador des-
lugar a
assem in-
Abraão?"
antes que
o 8, 58).
rição que
a Moisés
". Cristo
eus, pre-
s não po-
mo hoje
ristã es-
itar.
s apenas
e moral,

ou como um homem santo — especialmente não como um homem santo. De fato, se êle fôsse meramente um homem santo, dever-se-ia notar que êle disse algumas coisas das mais monstruosamente não-santas, tais como: "Aquêles que ama seu pai e sua mãe mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10, 37).

Ele agiu muito mais do que como um homem, também. Falou às tempestades no pequeno mar de Galiléia, e disse-lhes que se aplacassem, e elas se aplacaram; curou doenças, restituiu pessoas à vida. Ao paralítico de Cafarnaum êle disse: "Homem, teus pecados te são perdoados" (Lc 5, 20). Os Judeus perguntaram com indignação e com razão: "Quem pode perdoar pecados senão somente Deus?" (Lc 5, 22). O pecado é um insulto a Deus; só Deus pode perdoá-lo. Cristo não negou esta conclusão lógica, que significa que *êle se declarava Deus*.

Este era precisamente o caso. Repetidas vezes, no Evangelho de

aqueles que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos" (Gál 4, 4, 5).

S. João, Cristo repete os fatos de o Pai e ele serem um; de ele ser o Filho unigênito do Pai, etc. Este ensino é repetido em todos os outros Evangelhos e no resto do Novo Testamento. Afinal Jesus foi condenado a morrer justamente por causa disso.

S. João principia o seu Evangelho com estas profundas e provocadoras palavras: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1, 1). Devemos compreender quem é esse Verbo, e não podemos fazê-lo sem focalizar a nossa atenção na Trindade de Pessoas divinas que há em Deus.

Um só Deus

Cristo certamente ensinou que há um só Deus. Nunca falou de mais de um. Apenas continuou o ensino judeu, único no gênero, de um só Deus. Todavia, mesmo com a sua positiva afirmação de que era Deus, ele tornou claro que havia outra pessoa no Deus único. "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30), quer dizer: "Eu sou uma pessoa, e o Pai é outra pessoa; contudo, somos um só Deus". Ele era o Filho unigênito do Pai, era enviado pelo Pai, e o Pai estava satisfeito com ele. Ele era inteiramente distinto do Pai. Todavia, não havia senão um só Deus.

Há ainda outra pessoa em Deus. Cristo falou dela como do "Espírito de Verdade que procede do Pai" (Jo 15, 26). Esse Espírito também procede do Filho; ele foi enviado pelo Pai e pelo Filho (cf. Jo 14, 26; 15, 26; 16,

7). Chamamos a essa Terceira Pessoa da Trindade o "Espírito Santo".

As vezes Cristo falou dessas três pessoas conjuntamente, e então as chamou por um só nome — Deus. "Ide, pois, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19). Note-se que ele não disse "nos nomes", mas "em nome". A ação devia ser praticada em nome do Deus único.

Essa revelação de Cristo sobre as três Pessoas em um só Deus denominamo-la o mistério da SS. Trindade. É um mistério, mas não uma contradição. Nós não dizemos que "há três deuses num Deus", nem que "há três pessoas em Deus, mas Deus é só um das pessoas". Dizemos que "três pessoas divinas possuem uma só natureza divina".

Obviamente, pois, não queremos significar por "pessoa" a mesma coisa que queremos significar por "natureza". "Pessoa" responde à pergunta: "Quem é você?" "Natureza" responde à pergunta: "Que é você?" Se perguntarmos: "Quem é o Pai?", devemos responder: "E' a primeira pessoa da SS. Trindade". "Quem é o Filho?" "E' a segunda pessoa da SS. Trindade". "Quem é o Espírito Santo?" "E' a terceira pessoa da SS. Trindade". Mas, se perguntarmos: "Que é o Pai?" ou "o Filho?" ou "o Espírito Santo?" respondemos: "E' Deus".

Através de vidros escuros

Isto, confessamos, é uma coisa difícil de compreender. Quando procuramos descrever coisas de que absolutamente não temos experiência, estamos no escuro — como um homem que sempre foi cego e que procura descrever a côr. Mas o fato de não poder o cego, por experiência própria, construir a idéia de côr não o leva a dizer que não há côr. Ele pode conseguir alguma idéia, embora pobre, daquilo que lhe dizemos.

Ora, Cristo nos disse que a Trindade existe. Nós nunca vimos a Trindade em tôda a nossa vida. Tôdas as nossas tentativas de imaginar coisa tal terminam em fracasso. Queremos imaginar com que é que se parecem três pessoas que são um só Deus, e nunca podemos conceber deveras como podem elas ser ao mesmo tempo uma e três. Mas nem por isto concluimos que Cristo falou em termos contraditórios. Entendemos o que êle quis dizer, embora pobremente. Os termos “três pessoas” e “um só Deus” fazem sentido. E é lógico admitir que no Deus infinito há uma plenitude de existência que está além da nossa experiência visualizar, e além do nosso limitado conhecimento natural compreender plenamente.

Mas que dizemos da clara afirmação de S. João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus”? Quem é êsse Verbo ou Palavra?

Uma palavra é a imagem de um pensamento; na verdade, a

palavra só é certa na medida em que exprime o que nós pensamos. A própria idéia muitas vezes é chamada palavra, uma palavra mental, uma imagem da própria coisa. Quando alguém diz “filho”, a sua palavra corresponde a uma idéia que êle tem. A sua idéia, por sua vez, é uma semelhança da coisa, do próprio filho.

Mas as nossas palavras e idéias nunca saem de nós mesmos. A realidade é uma coisa, a idéia é completamente outra. Consequentemente, há uma falta de identificação perfeita entre as duas.

Não assim em Deus. O pensamento que o Pai tem de si mesmo também é uma Idéia ou uma Palavra ou Verbo. Mas êsse Verbo exprime perfeitamente o pensamento do Pai. Realmente, o Verbo é, por sua vez, uma Idéia completamente infinita, tão perfeita como ser outra pessoa infinita. Esta é a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus, a quem S. João chama o “Verbo”.

O que sucede com o conhecimento sucede também com o amor. A bondade de Deus, conhecida pelo Verbo, é tão perfeita a ponto de despertar um amor divino, que é uma terceira pessoa infinita, o Espírito Santo.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus”. Mais adiante S. João acrescenta: “E o Verbo fêz-se carne e habitou entre nós... e da sua plenitude nós todos recebemos, graça por graça” (Jo 1, 14 e 16).

Por outras palavras, a segunda pessoa da SS. Trindade to-

rou uma natureza humana como a nossa, e conhecemo-la como Jesus Cristo. S. Paulo diz que, "embora por natureza êle fôsse Deus, não achou coisa cobiçável o ser igual a Deus, mas despojou-se de si mesmo, tomando a natureza de escravo e fazendo-se como os homens" (Filip 2, 6-7). A "natureza de escravo" aqui significa a nossa natureza humana.

Assim, pois, Cristo tinha duas naturezas, a que tinha por ser Deus, e a que tomou como homem. Em Cristo, o todo da natureza humana, corpo e alma, estava unido imediata, perpétua e indissolúvelmente, mas sem confusão, na sua pessoa.

Dai poder êle agir *tanto como Deus quanto como homem*. Como Deus, êle podia mandar a tôdas as fôrças da natureza, perdoar pecados, praticar atos de valor infinito. Foi por isto que êle também pôde remir-nos da dívida infinita do pecado. Como homem, pôde compartilhar a nossa natureza humana, unindo-nos consigo na sua morte.

Essa natureza humana certamente era a natureza humana mais ricamente dotada que jamais existiu. Unida à segunda pessoa da Trindade, ela foi encheda com a imensa abundância de graça que faz os homens viverem a própria vida de Deus. Na verdade, a abundância transbordava de tal modo, que era capaz de santificar todos os homens. Como disse S. João, "da sua plenitude nós todos recebemos".

Foi por isto que mistério e glória lhe cercaram o nascimento. Nos dias do imperador romano Augusto, um anjo foi enviado a uma virgem desconhecida numa cidadezinha da Galiléia chamada Nazaré. Ele anunciou que ela daria nascimento ao Salvador de Israel. Que uma virgem devesse dar nascimento a um filho sem intercorrência de homem era bastante estranho; porém sete séculos antes isso fôra predito pelo profeta Isaías. "Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o nome dêle será chamado Emanuel" (Is 7, 14).

Não obstante essas gloriosas promessas, Maria teve uma cautelosa pergunta no tocante à sua virgindade: "Como se fará isso se não conheço homem?" (Lc 1 34). E o anjo respondeu: "C Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo far-te-á sombra; por isto o Santo que de ti nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1, 35). A isto chamamos o Parto da Virgem. O Credo Apostólico proclama a nossa crença de que Cristo foi "concebido do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem".

Pode-se dizer que coisa tal nunca acontece, isto é, que uma mulher possa ficar virgem e ser mãe ao mesmo tempo. O cristão, todavia, sabe que os milagres abundam na Bíblia e são bem atestados. Deus, que fez o mundo, certamente pode, quando desejar, suspender-lhe as leis.

Esse milagre circundou o nascimento do Homem-Deus de um nimbo de santidade. Ele nascia

de uma mãe humana para mostrar que era verdadeiramente humano; mas nascia sem pai humano, para mostrar que também era Deus.

Anunciando a José, espôso de Maria, o nascimento do Salvador, o anjo lembrou-lhe a bela profecia do Livro de Isaías concernente ao Emanuel, que quer dizer "Deus conosco". O Emanuel é ali descrito como sendo o filho nascido da virgem. Esse filho será a salvação do seu povo.

Reinará como um manso e pacífico rei. A eterna inimizade entre o homem e o animal será destruída, os gritos de guerra e as vestes sangrentas dos mortos não mais serão conhecidas. Esta será

a obra do Emanuel, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados e restabelecerá a harmonia entre Deus e o homem, entre o homem e o animal.

Assim foi que, na cidade marcada por Deus, a cidade de David chamada Belém, um menino nasceu numa gruta escondida, enquanto os anjos no céu cantavam à sua glória e à paz que ele trazia. A Bíblia não justifica essas maravilhas, pois a maior de todas as maravilhas não era que uma virgem desse nascimento a um filho, ou que os anjos andassem pelo meio dos homens, mas sim que o Filho de Deus se houvesse feito homem.

O que significa para nós a morte de Cristo.

Um dos fatos mais conturbadores na história humana foi haver morrido um homem chamado Jesus Cristo. Seja lá o que fôr que os homens penssem sobre a morte dêle, não podem esquecê-la de todo. Há algo desconcertante sobre ela, mesmo na superfície. Muitos bravos homens têm morrido — milhões dêles no nosso tempo — injustamente, cruelmente, e com grande dignidade. Mas todos êles morreram antes do devido tempo. Morreram em protesto contra alguma coisa, ou enquanto a sua obra ainda estava em meio.



A morte de Cristo não foi a intercepção inesperada de uma vida. Ele falou dela como da única coisa que pretendia fazer. Previu que ela seria violenta; mas não teve protestos contra ela. Disse que tinha vindo à terra para ser morto; encarou-a quase avidamente.

Nós sempre escutamos as últimas palavras de um homem que está para morrer, especialmente se fôr a morte de um herói. Melhor faremos escutando a explicação dêsse Homem se quisermos extrair da sua morte algum sentido.

Ele deu à sua vida inteira êste sentido: "O Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido" (Mt 18, 11). O que estava perdido era o gênero humano todo, que caíra no pecado. O Filho do Homem que veio procurar e salvar era o próprio Deus, pessoa capaz de ações de valor infinito. A sua morte entrou nisso como o meio pelo qual era realizada a obra de salvar o homem.

E por que precisava êle morrer para nos salvar? Por que é que morre qualquer soldado? A morte dêste impede a morte dos seus semelhantes por quem êle combate, ou os protege de alguma tirania insuportável. Ele se sacrifica, mas não é vão o seu sacrifício. Assim, também, Cristo sacrificou-se para nos remir da morte eterna do pecado e para refrear o demônio na sua tirania sobre nós.

S. Paulo diz que "êle nos livrou do poder das trevas e nos transferiu ao reino do seu amado Filho, em quem temos a nossa redenção, a remissão dos nossos pecados" (Col 1, 13-14). A Epístola aos Hebreus diz que êle morreu para que, "pela sua morte,

destruísse aquêle que tinha o império da morte, isto é, o demônio, e livrasse aquêles que durante a vida foram mantidos em servidão pelo temor da morte" (Heb 2, 14-15).

Há outra razão, também, pela qual êle foi à sua morte. Morreu na cruz, e os cristãos têm sempre falado do "sinal" da cruz. Sinal, realmente, foi ela, pois todos nós precisamos de sinais. Há uma profunda necessidade humana que só pode ser satisfeita por símbolos. Cada nação tem a sua bandeira, e essa bandeira significa mais, para o patriotismo, do que qualquer soma de sentimentos patrióticos ou de mera oratória.

O sacrifício é um sinal de alguma coisa decisiva nas relações entre Deus e o homem. O gênero humano sempre soube que dependia, corpo e alma, de Deus que o fizera, e que estava em dívida com Deus pelo pecado. O sacrifício exprime uma necessidade humana de adorar a Deus e de lhe aplacar a justa ira, coisa que meros pensamentos e sentimentos nunca podem fazer. Adoração e oblação no segrêdo do próprio coração são coisas boas. Também o é o espírito de patriotismo. Mas nós ainda precisamos de uma bandeira, e ainda precisamos de um sacrifício.

Cristo sofreu na cruz porque os sacrifícios dos homens eram insuficientes para cancelar a dívida infinita do pecado que o homem contraíra. Só o Deus-Homem, por êsse ato supremo que resumiu tôda a sua missão, po-

dia fazer isso completa e inquestionavelmente.

Cristo sabia perfeitamente que era por isso que êle morria. Êle próprio era o sumo-sacerdote que se sacrificava a si mesmo. Um sacerdote, como os homens de todos os tempos o têm conhecido — mesmo se apenas grosseiramente — posta-se entre Deus e o homem, como mediador que reconcilia os dois. Nas suas mãos êle empunha o seu sacrifício; e as suas esperanças de mediação são mais seguras à medida que êsse sacrifício é mais precioso e mais agradável a Deus.

Por isto, Cristo, na noite antes de morrer, tomou nas mãos pão e vinho e disse: "Isto é meu corpo". "Isto é meu sangue do nôvo testamento que é derramado em favor de muitos, para o perdão dos pecados" (Mt 26, 26-28).

A sua morte foi um verdadeiro sacrifício. S. Paulo disse: "Cristo amou-nos e entregou-se por nós como oferta e sacrifício a Deus em odor de suavidade" (Ef 5, 2).

O sacrifício não é apenas um ritual ôco, como o patriotismo não é apenas uma bandeira desfraldada. Ambos implicam condições dentro do coração, as quais lhes dão vitalidade. Cristo ofereceu-se livremente em sacrifício a seu Pai. A sua obediência à vontade de seu Pai erigir-se-á em vigoroso contraste com a desobediência do homem. "Porquanto, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se-

rão constituídos justos" (Rom 5, 19). O seu amor a nós e a seu Pai tornou o seu sacrifício agradável e apaziguador. Um braço da cruz estendeu-se para cima até seu Pai; o outro estendeu-se paralelo para a terra, a fim de abraçar todos os homens; e ambos se cruzaram no lugar onde Cristo foi sacrificado.

O sacrifício da cruz fez outra coisa mais definida. Não somente o pecado foi tirado, mas também um novo dom nos foi feito, o dom a que anteriormente chamamos graça, e que em conexão com isto chamamos "justificação". Não devemos pensar da justificação como de alguma espécie de livramento da sentença que Deus pronunciara sobre nós, como se nós fôssemos libertos sob palavra pelos tribunais de Deus com a garantia de Jesus Cristo. Porque, nesse caso, o nosso pecado ainda estaria conosco, e nós seríamos homens mortos mascarados de vivos.

S. Paulo diz: "Fomos sepultados com êle, pelo Batismo, na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória de seu Pai, assim também nós andemos em novidade de vida" (Rom 6, 4). Note essa palavra "novidade de vida".

Por mais difícil que a graça seja de entender, uma coisa é muito clara — e é que ela é algo de positivo. E' um dom de vida nova. Nós não vivemos uma vida simplesmente natural com os méritos de Cristo lançados sobre nós, como um pano é lançado sobre uma mancha feia no

chão. Vivemos uma vida sobrenatural, que é coisa muito mais alta. "Porque, se em razão da ofensa de um só homem a morte reinou por meio desse único homem, muito mais reinarão na vida por meio de um só, que é Jesus Cristo, aqueles que recebem a abundância da graça e do dom e da justiça" (Rom 5, 17).

Porém todas estas coisas foram o resultado da Redenção — a libertação da servidão do demônio, o aplacamento, pelo sacrifício, de um Deus ofendido, a restauração do dom perdido da graça. Houve outro fator que foi a causa de tudo isso.

Deus tinha sido infinitamente ofendido pelo pecado; uma justa e adequada compensação era por êle exigida. O homem não poderia dá-la, pois o homem era finito e pecador. Deus não podia dá-la, pois Deus não havia pecado. Podia-o, porém, Cristo, que tinha ao mesmo tempo a natureza infinita de Deus e a natureza do homem pecador. Sofrendo por amor e por obediência à vontade de seu Pai, Cristo deu a Deus uma compensação de que Deus gostou mais do que odiou o pecado do homem.

A morte de Cristo não foi, pois, apenas um grande exemplo para nós, um martírio por amor da verdade e da justiça. Foi algo tão definido como fechar uma porta ou pagar uma dívida. O homem contraíra com Deus a dívida infinita do pecado. A morte de Cristo, pela vontade de Deus, pagou essa dívida. E muito mais ainda, porquanto ela se estendeu

igualmente aos nossos pecados pessoais. S. Pedro disse: "Sabeis que fostes redimidos da vã maneira de vida recebida de vossos pais, não com coisas perecíveis, como prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e não contaminado" (1 Ped 1, 18).

Mas por que essa morte de um só homem haveria de afetar-nos a todos? O pecado de Adão envolvera-nos todos no pecado, e o sinal desse pecado era a morte. À frente do gênero humano erguera-se um homem pecador; a vida natural e a morte espiritual eram transmitidas de homem a homem na ininterrupta cadeia da paternidade e do nascimento humanos. Porém um novo chefe foi dado à raça: Cristo. Nós somos todos seus irmãos; estamos unidos a ele, e podemos participar dos efeitos das suas ações. A sua morte não foi exatamente a morte de mais um homem, mesmo nobre; foi a ação satisfatória do novo Adão, do novo chefe da raça.

E então? Todos nós estamos salvos? Tudo já foi feito para nós?

Longe disto. A antiga tradição fala do céu que nos é aberto; não diz nada sobre o céu que nos é garantido. Nós levantamos uma meninazinha para que ela possa beber um pouco de água na fonte. Sem a fonte e o nosso auxílio ela não poderia beber. Porém, mesmo com tudo facilitado, ela ainda pode recusar. Isso requer boa vontade e esforço da parte dela, embora pequenos. Assim também conosco. Cristo pro-

piciou-nos uma fonte de graça que mana superabundantemente. Mas nós mesmos devemos beber.

Assim, à pergunta: "Estais redimidos?", podemos todos responder: "Sim". O novo chefe da raça, Cristo, expiou completamente os nossos pecados; ganhou para nós uma superabundância de graças. E para a pergunta: "Estais salvos?", não há resposta. A salvação, neste sentido, quer dizer estar seguro de ter um lugar no céu. O homem sempre quis estar seguro disto; mas nem a fé, nem "a conversão", nem coisa alguma no curso ordinário dos acontecimentos pode dar-lhe a resposta. Só depois de julgado por Deus é que ele saberá se foi achado digno do céu.

Não a Fé somente

Depois de instruir os Filipenses sobre a necessidade de crer, S. Paulo acrescentou que eles deviam operar a sua salvação com temor e tremor (Filip 2, 12). Se tudo o que era necessário fosse descansar na fé de Cristo, impossível seria compreender por que deveriam eles temer e tremer, ou até mesmo por que deveriam operar a sua salvação.

Cristo fala de maneira semelhante. "Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no reino dos céus; mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no céu, este é que entrará no reino dos céus" (Mt 7, 21).

«Ama teu próximo»

Lemos em S. Mateus (25, 31-46) que, no juízo final, aos ho-

mens será dado o céu ou eles serão mandados para o inferno, com base no seu auxílio ao próximo. Seguramente podemos presumir que a fé está aqui implicada. O que não podemos presumir é que as ações mencionadas não sejam necessárias. Enorme brecha existe entre redenção e salvação, e essa brecha deve ser preenchida pelo nosso livre arbítrio cooperando com a graça de Deus.

A verdade clara é que Cristo e seus Apóstolos disseram que muitas coisas são necessárias para a salvação. Primeiro, certamente, a fé. "O homem é justificado pela fé" (Rom 3, 28). (Note-se que o resto deste trecho diz que "o homem é justificado pela fé independentemente das obras da Lei"). Dessas "obras da Lei" é que S. Paulo fala quando diz que o homem não é justificado pelas obras. Muitos dos novos Judeus-Cristãos do seu tempo acreditavam que a salvação vinha de obedecer à lei mosaica, com uma mera curvatura respeitosa na direção de Cristo. S. Paulo não falava aí de "obras" no sentido em que nós falamos, de "boas-obras" feitas pelos cristãos.

O Batismo também é necessário para a salvação. "Se o homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 5). E' como sucede com a vida natural. Podemos admirar todos os poderes e capacidades que o homem tem, e, no entanto, isso tudo nada significa para a criança não nascida. Assim também, a prodigiosa

vida de graça que Cristo nos obteve na Redenção não significa coisa alguma se para ela não nascermos pelo Batismo.

Da Eucaristia fala-se, igualmente, como sendo de necessidade compulsória. "O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo" (Jo 6, 52). "Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6, 54). Todos os Sacramentos contribuem, cada um na sua medida, para a salvação, pois nos trazem a graça de Cristo merecida na Redenção.

As obras são necessárias

Também as boas-obras, conforme indicamos, entram na operação da salvação. "Se queres entrar na vida, observa os mandamentos" (Mt 19, 18). S. Tiago disse positivamente: "A fé, igualmente, se não tem as obras, é morta em si mesma" (Tgo 2, 17). A glória do céu nos é dada como uma justa recompensa com base no nosso amor a Deus e no nosso desempenho no seu serviço.

Assim, todas essas coisas operam juntas: a fé, os Sacramentos, o bem-fazer e outras igualmente. A redenção é uma coisa, e a salvação é inteiramente outra. Não há nada faltando da parte de Cristo; muito há que fazer da nossa parte.

Sê firme

Verdade é que tudo conspira para fazer o homem que é justificado desviar-se da linha reta

que vai da fé para a perseverança final. S. Paulo muitas vezes fala disto, como, por exemplo, aos Romanos (8, 28-39), onde diz, entre outras coisas admiráveis: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus... Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? a angústia? a fome? a nudez? o

perigo? a espada? Mas em todas estas coisas vencemos por causa daquele que nos amou".

Mas note-se que devemos vencer, devemos "praticar a verdade na caridade, e assim crescer em todas as coisas, naquele que é o cabeça, Cristo" (Ef 4, 15). Este é o meio de participarmos da Redenção de Cristo.

Também nós ressuscitaremos dos mortos?

Quando a execução, na cruz, do homem chamado Jesus tinha sido brutalmente acabada, quando o soldado enfiara a sua lança no lado da vítima e o centurião tinha feito o seu relatório ao Procurador; quando o corpo fôra depositado numa caverna na terra e o túmulo selado por ordem do Procurador; quando até mesmo os seus amigos se entregavam à tristeza, pareceu que findara a obra de Jesus de Nazaré, Salvador do mundo, vítima pelo pecado. Mas a Ressurreição logo provou que a vida de Jesus não findara, que a própria obra da Redenção ainda não estava completa.

Na pregação da Igreja primitiva acentuava-se muito o que então começava a acontecer. No seu primeiro sermão S. Pedro disse: "Porque nem êle (Jesus) foi abandonado no inferno, nem a sua carne viu a corrupção. Esse Jesus, Deus ressuscitou-o, e nós todos somos testemunhas disto. Portanto, exaltado pela destra de Deus, e recebendo do Pai a promessa do Espírito Santo, êle derramou esse Espírito que estais vendo e ouvindo" (At 2, 31-33).



Consequentemente, o Credo Apostólico professa crença na Ressurreição de Cristo, na sua Ascensão ao céu, no seu assento à mão direita do Pai, e na sua futura vinda para julgar o mundo. Tudo isto pertence à Redenção. Depois da sua morte, Cristo continua a trabalhar para nós.

Primeiramente, portanto, Cristo desceu aos infernos. A palavra inferno não é um meio bom de exprimir a idéia original. Inferno, como geralmente dêle falamos, é o lugar onde os condenados serão punidos por toda a eternidade. Cristo ali não desceria. Não tinha razão para isso; as almas do inferno não podiam ser salvas.

Cristo desceu àquilo que se tornou conhecido como "o Limbo dos Pais". Nesse lugar estavam as almas dos justos que haviam morrido antes dêle, tais como Abraão, Moisés e os profetas. Estes tinham vivido vida santa. Mas não podiam entrar no céu. O céu era um dom prometido ao gênero humano por viver a vida da graça. A raça como um todo não tinha direito a êle depois do pecado de Adão.

S. Paulo usa outro exemplo. Nenhuma última vontade e testamento é válida antes da morte daquele que a formula. Ora, nós devemos entrar no céu como herdeiros de Cristo. Portanto, era necessário que os justos dos tempos do Antigo Testamento aguardassem a morte de Cristo antes de entrarem na sua herança. Cristo desceu ao Limbo após sua morte para dizer a êsses seus primeiros herdeiros que agora eles haviam herdado um reino (1 Ped 3, 18 ss.).

No terceiro dia depois de morrer, êle ressuscitou dos mortos. O fato de haver êle ressurgido dos mortos é um dos fatos mais sólidamente estabelecidos da história humana. Interessa-nos perguntar: "Por que foi que êle ressurgiu dos mortos?"

A resposta mais fácil é esta: para que nós não desesperássemos. Cristo morrera pelos nossos pecados, é verdade. Mas a história da sua vida seguira o seu curso de desesperança e derrota, e, se tudo aí findasse, é duvidoso que seus discípulos, e ainda mais nós, tivéssemos jamais a coragem de crer nêle.

Deliberadamente êle tinha pôsto a sua Ressurreição como o sêlo do seu ensino. Aos judeus que pediam um sinal êle disse: "Destruí êste templo, e em três dias reedificá-lo-ei" (Jo 2, 19). Com isso, diz S. João, êle significava o templo do seu corpo. Daí a grande ênfase posta pelos Apóstolos sôbre o fato de serem testemunhas da Ressurreição — testemunhas oficiais. Eles podiam

assegurar à humanidade que Cristo ressurgira dos mortos. A Redenção não estaria completa antes que isso acontecesse.

S. Paulo dá-nos uma razão ainda mais profunda para a Ressurreição. Tornarmo-nos justos e santos depende de crermos não só na morte de Cristo, mas também na Ressurreição daquele "que se entregara pelos nossos pecados e ressuscitara para a nossa justificação" (Rom 4, 25). Ora, é esta uma coisa surpreendente: — dizer-se que tanto a Ressurreição como a morte de Cristo operam a nossa libertação do pecado.

O pecado entrara no mundo por meio de Adão, e com o pecado viera a morte como o seu sêlo. Cristo vencera o pecado com a sua morte na cruz. Ali ficou êsse outro inimigo, a morte. Pela sua Ressurreição, Cristo venceu a morte. "Porque, já que por um homem veio a morte, por um homem também vem a ressurreição do corpo. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos viverão" (1 Cor 15, 21-22). Mais adiante falaremos da nossa própria ressurreição; aqui nos concentramos na de Cristo. Mas devemos notar que a sua obra de redimir não está acabada enquanto êle não ressuscita dos mortos e não nos dá a causa para a nossa própria vitória sôbre a morte.

Ademais, a redenção de Cristo merecera para nós a vida nova a que chamamos graça. Devemos renascer para essa vida nova tão realmente como havemos nasci-

do para este mundo. Mas, para que a redenção fosse completa, deveria haver um sinal disto. O sacrifício de Cristo na cruz foi um sinal da destruição do pecado; assim também a Ressurreição é um sinal da nova vida de graça que nos é dada.

E' significativo que Cristo tenha nascido numa gruta em Belém, e que noutra gruta em Jerusalém tenha renascido para a vida da glória. Nós também devemos imitar esse renascimento. No Batismo descemos à água como homens mortos, tal como Cristo desceu ao seu túmulo. Saímos da água como Cristo saiu do túmulo, para que andemos em novidade de vida. E esta novidade de vida é devida à Ressurreição de Cristo tanto quanto à sua morte.

Ainda há mais. S. Pedro, no sermão anteriormente citado, diz: "Portanto, exaltado pela destra de Deus, e recebendo do Pai a promessa do Espírito Santo, ele derramou esse Espírito que estais vendo e ouvindo" (At 2, 33). Conforme o próprio Cristo dissera, era necessário que ele fosse para o céu para poder enviar o Espírito Santo a santificar os homens.

Falando da Ressurreição, S. Paulo diz: "O primeiro homem, Adão, foi feito em alma viva; o último Adão foi feito espírito vivificador" (1 Cor 15, 45). Isto quer dizer que pela sua Ressurreição Cristo se tornou a fonte permanente da nossa vida sobrenatural.

Com as seguintes palavras explicou John Henry Newman este duplo aspecto da obra de Cristo: "A obra de Cristo compreende duas coisas: a que ele fez para todos os homens, e a que ele faz para cada um deles; a que ele fez uma vez por todas, e a que ele faz incessantemente; a que ele fez por nós, e a que ele faz em nós; a que ele fez na terra, e a que ele faz no céu; a que ele faz por sua própria pessoa, e a que ele faz pelo seu Espírito; ele nos reconcilia oferecendo-se na cruz; justifica-nos enviando o seu Espírito" (Prédicas sobre a Justificação — IX, 1). E tudo isto foi inaugurado pela sua Ressurreição.

Por ser contínua a obra de Cristo, era necessário que ele ascendesse ao céu. Quarenta dias depois da sua Ressurreição ele saiu de Jerusalém com os seus Apóstolos para o vizinho monte Olivete, e ali subiu aos céus até que uma nuvem o tirasse fora de vista. A obra que ele iniciara pelo seu labor enquanto estava na terra continuou-a pelo envio do Espírito Santo.

S. Pedro fala da necessidade que Deus tinha de glorificar seu Filho depois que ele redimira a humanidade (cf. At 3, 13-15). Depois da Ascensão vem o "assento à mão direita do Pai". Esta era uma velha maneira judaica de dizer que Cristo começava a governar como rei, coisa que, de fato, ele era. Dizem-no-lo as profecias judaicas no Velho Testamento e as próprias palavras de Cristo.

O anjo que anunciou o seu nascimento disse: "O Senhor Deus dar-lhe-á o trono de David seu pai, e êle reinará sôbre a casa de Jacob eternamente; e êsse reino não terá fim" (Lc 1, 32-33). Pilatos perguntou a Cristo: "Então és rei?", e Jesus respondeu afirmativamente, apenas acrescentando: "O meu reino não é dêste mundo" (Jo 18, 36-37). Isto não queria dizer que êle não tenha um reino visível na terra, mas sim que êsse reino não é como os governos políticos da terra.

Contudo, êle tem um reino real, e o Salvador é um rei verdadeiro, embora primariamente seja um rei espiritual. Nada é dito sôbre o reino de Cristo arrecadando impostos, ou recrutando exércitos, ou promovendo segurança social, porém muito é dito sôbre o seu conflito com o reino do demônio. Nisto é que jazem as realidades da vida do homem — no mundo espiritual da graça e do pecado. O reino de Cristo é fundado para nos salvar do reino do demônio. S. Paulo diz que o Pai "nos livrou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do seu amado Filho, em quem temos a nossa redenção, a remissão dos nossos pecados" (Col 1, 13-14).

O Filho de Deus tem, portanto, um reino. Sôbre êste êle reina de lá do seu trono à destra de Deus. Êle é rei primeiramente por ser Deus; é rei também porque, como Salvador, conquistou o reino do demônio e levou os homens para o seu próprio reino. Como um bom rei, êle tem

poder na terra para dar ordens, para dirigir os negócios e para julgar. Ora, estando no céu com o seu corpo visível, humano, êle não pode ser visto. Exerce os seus poderes de governo por meio da sua Igreja, que é o seu reino na terra. Para esta obra êle designou um deputado, o Papa de Roma, a quem chamamos o Vigário de Cristo. Um dia êle, Cristo, mostrar-se-á de nôvo visivelmente na carne, para assumir o comando direto. Mas isto será no último dia.

O julgamento das nações e de todos os homens será o último ato no drama da Redenção. E' verdade que cada homem será julgado no momento da sua morte, e por êsse julgamento a sua sorte estará decidida para tôda a eternidade. Mas êste julgamento, ao qual chamamos o juízo particular, é matéria privada entre cada homem e seu Criador.

O juízo de que aqui falamos é o juízo geral. No princípio, no jardim do Éden, Deus predisse uma luta incessante entre a semente do demônio e a semente da mulher, entre o reino de Satanás e o reino de Deus. Cristo, o rei, venceu, e estabeleceu o seu reino. No fim dos tempos êle tornará claro a todos os homens quão grandemente venceu. A derrota do demônio será relatada em todos os seus pormenores; a gloriosa vitória de Cristo será tornada cristalina tanto na vida dos individuos como na das nações.

Cristo virá, pois, nas nuvens da glória a julgar os vivos e os

mortos. Por S. Paulo nos é dito que alguns de nós ainda estaremos vivos quando vier o último dia; o resto que houver morrido deverá ressurgir e vir ao juízo (1 Tess 4, 14-16). Vários sinais foram-nos dados por Cristo e pelos Apóstolos para indicar quando virá esse dia, como sejam: — a obra destruidora do anticristo, a

liberdade do demônio, os sinais nas nações e na natureza, etc. Estes não são tanto uma precisa pauta de julgamento como uma advertência. Em certo sentido, o mundo está sempre findando, as nações estão sempre marchando para o juízo. Para todos os homens não há senão uma advertência: Vigiai!

O ESPÍRITO-SANTO ESTÁ NA IGREJA

Antes de deixar esta terra, Cristo prometeu que enviaria o Espírito Santo para continuar a sua obra na Igreja. Disse, por exemplo: "Rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Intercessor para ficar convosco para sempre" (Jo 14, 16). E, de outra vez: "Se eu não me fôr, o Paráclito não virá a vós; mas, se eu me fôr, vo-lo enviarei" (Jo 16, 7). Esse Paráclito é mais conhecido como o Espírito Santo.



Já vimos quem é esse Espírito Santo. E' a terceira pessoa da SS. Trindade, igualmente Deus com o Pai e o Filho.

Temos dificuldade em imaginar como é o Espírito Santo. O Pai nós podemos compreender, embora imperfeitamente, por ser ele pai e estarmos familiarizados com a paternidade humana. A segunda pessoa da Trindade conhecemo-la como Jesus Cristo. Ele também é chamado o "Verbo" (Jo 1, 1). Este conceito de Cristo como o "Verbo" ou a Idéia é difícil de apreender, mas somos ajudados a apreendê-lo por conhecermos o Cristo humano. No meio das profundas e incompreensíveis verdades da Trindade podemos sem-

pre imaginar como Cristo era e como agia.

Não assim com o Espírito Santo. Não temos nada a que nos arrimar na nossa imaginação, exceto um texto em S. Lucas (3, 22) que fala do Espírito Santo em forma de pomba, e uma representação nos Atos dos Apóstolos (2, 3-4) que o

liga com as línguas de fogo que desceram sobre os Apóstolos no Pentecostes.

E'-nos dito no Novo Testamento que o Espírito Santo "procede" do Pai e do Filho. Essa palavra "procede" é chave para uma idéia difícil, porém iluminadora.

A segunda pessoa da SS. Trindade, Jesus Cristo, é chamada o "Verbo", isto é, a Idéia. Um homem pode pensar sobre si mesmo, e a sua idéia é uma espécie de reflexo do seu próprio eu. Deus Pai pensa sobre si mesmo e a sua Idéia é um perfeito reflexo do seu Ser. Mas existe aí uma enorme diferença. A idéia de um homem sobre si mesmo é apenas uma imagem na sua própria mente. Em Deus, a Idéia é tão perfeita que é outra Pessoa, ex-

primindo completamente a natureza do Pai.

Ora, o Espírito Santo procede dessas duas pessoas. Um homem pode conceber uma idéia que resulta ser morta — pois ele nunca faz coisa alguma dela, ou não gosta dela. Coisa tal não poderia acontecer a Deus. A sua Idéia é viva, e do Pai e do Filho brota um amor divino que é tão vivo, tão real e tão infinito como as outras duas pessoas da Trindade.

E' difficilimo apreender a idéia do Espírito Santo, mas é facilimo ver o que ele faz. A sua obra principal no mundo é a Igreja fundada por Cristo, e esta é uma coisa muito clara e evidente.

Jesus Cristo fundou a sua Igreja para ensinar a verdade e santificar o mundo. A missão dela não era meramente dar mútuo apoio aos homens que mais ou menos concordassem sobre os ensinamentos de Cristo, nem adaptar aos tempos tantos destes ensinamentos quantos fôsse possível adaptar. Era simplesmente continuar a obra de Cristo. "Ide, pois, e ensinaí tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo o que eu vos mandei; e eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mt 28, 19-20). Note êsse "ensinar aquilo que eu ensinei".

Para executar essa obra Cristo fundou a Igreja. Você deve lembrar-se de que Cristo foi um organizador. Ele não ia para o meio dos homens simplesmente para lhes dizer fazerem o bem, aju-

darem o seu próximo, serem humildes, puros e pacíficos. Ele fazia isso, por certo, porém fez muito mais. No correr da sua vida pública, Jesus preparou cuidadosamente um grupo de homens para continuarem a sua obra quando ele deixasse êste mundo. Chamou a essa futura organização uma "igreja"; falou sobre ela também como de um reino, de uma vinha, de uma videira, etc. E frisou que ela seria uma coisa organizada e facilmente vista.

A frente dela colocou Pedro, a quem deu a promessa de uma fé inabalável. A Igreja seria edificada sòlidamente sobre Pedro como sobre uma pedra; as tempestades jamais a derrubariam. Mais tarde ele incumbiu Pedro de ser o pastor do rebanho, o Pastor Supremo.

A finalidade dessa organização foi tornada clara. Primeiramente, era ensinar a todos os homens, em tôdas as épocas, tôdas as coisas que o próprio Cristo ensinara. E' por isto que ela é chamada "católica", que quer dizer universal. O próprio Cristo estaria com ela sempre, de modo que ela não pudesse errar no ensino da sua doutrina.

Em segundo lugar, tinha ela poder de governar. Era um reino; tinha um chefe, Pedro, e várias classes de apóstolos, discípulos, simples portadores da palavra, etc., subordinados a êsse chefe. Todos estavam sujeitos à autoridade dêle. Os que não cressem deviam ser expulsos dela; as mais terríveis conseqüências

foram lançadas por Cristo sobre os que recusassem escutá-la.

Consequentemente, quando pela primeira vez ouvimos falar da Igreja Católica em operação real após a Ascensão de Cristo, ela aparece como uma organização muito operosa e determinada. Quase imediatamente Pedro levantou-se e pediu a eleição de um novo Apóstolo para tomar o lugar de Judas (At 1, 15-22). Depois veio o dia de Pentecostes, em que os discípulos foram repletos do Espírito Santo e começaram a pregar a verdade sobre Cristo em muitas línguas. Foi conseguida ordem nessa confusão quando Pedro começou a falar (At 2, 14). Ele apresentou aquilo que logo devia tornar-se a norma declaratória da crença cristã.

Onde quer que abramos o livro dos Atos dos Apóstolos, lemos não sobre um tímido grupo de homens agindo hesitantemente ou em confusão, mas sobre uma Igreja autoritária falando em nome de Cristo. "Por que autoridade ou em nome de quem fizestes isso?" interpelava o supremo conselho dos Judeus. "Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, que vós crucificastes, e que Deus ressuscitou dos mortos", dizia desassombradamente S. Pedro (At 4, 7, 10). Os que queriam introduzir as suas próprias idéias na doutrina de Cristo eram tratados sumariamente. Simão Mago procurava mercantilizar o cristianismo, e Pedro disse: "Vá o teu dinheiro contigo à perdição" (At 8, 20). Surgiu uma discussão sobre se os novos cristãos deviam ser cir-

cuncidados, e uma assembléia dos Apóstolos sob a direção de Pedro decidiu que não, fazendo preceder a sua decisão com estas notáveis palavras: "O Espírito Santo e nós havemos decidido..." (At 15, 28).

S. Paulo foi similarmente insistente sobre a preservação do ensino exato de Cristo. "Porém, mesmo se nós ou um anjo do céu vos pregássemos um evangelho diferente daquele que vos temos pregado, seja anátema", escreveu êle (Gál 1, 8). Não se tratava do ensino de S. Paulo, mas do ensino de Cristo. Começando a ensinar a Eucaristia, diz êle: "Pois eu mesmo recebi do Senhor (o que também vos transmiti)..." (1 Cor 11, 23).

Se alguma coisa é clara no Novo Testamento é que Cristo estabeleceu a sua Igreja como uma autoridade docente *infalível*, e como tal os Apóstolos começaram imediatamente a agir. Não havia entre eles a chamada tolerância ou largueza de vistas a respeito da doutrina. Eles consideravam que a tarefa da Igreja era simplesmente transmitir aos homens o ensino de Cristo. E estavam seguros de não poder cometer erro, porque o Espírito Santo, o Espírito de Verdade, estava com eles, conforme Cristo prometera (Jo 14, 16-17).

Ademais, a Igreja devia ser o agente para a salvação da humanidade. Mais uma vez assinalamos que Cristo não supôs que os homens se tornariam justos e santos simplesmente pensando nêle, ou que viveriam santamen-

te apenas fazendo atos de fé ou de confiança nêlo, ou participando de alguma rude fraternidade com os homens cristãos. Durante a sua vida êle estabeleceu certos ritos que disse serem absolutamente necessários para a humanidade. "Se o homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3, 5). "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6, 54). Estas são apenas algumas entre muitas referências de espécie.

A administração desses ritos, chamados sacramentos, Cristo confiou-a aos seus Apóstolos. "Ide, pois, e ensinai tôdas as nações, batizando-as..." (Mt 28, 19). "Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados" (Jo 20, 23). Depois de instituir a Eucaristia, disse-lhes: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19). Note que a ênfase em tôdas essas passagens é posta sobre os Apóstolos, como distintos do corpo geral dos cristãos. Os homens deviam ser ministrados, nesses ritos essenciais de salvação, por um grupo especial dentro de uma Igreja organizada. A salvação vem de Cristo através da sua Igreja.

A Igreja é o "corpo místico de Cristo". A sua cabeça é o próprio Cristo, que dá vida e direção a todos os membros dela, tal como a cabeça dá vida e direção ao corpo humano. Os membros estão todos unidos à cabeça e uns aos outros. Cada um tem a graça proporcionada ao seu

papel, e cada um coopera com os outros para tornar o corpo de Cristo mais perfeito.

Tal como sucede com o corpo humano, há guerra por dentro e por fora desse corpo místico de Cristo. Por dentro, há guerra da vida contra os micróbios da doença chamada "pecado". A graça da cabeça supre as necessidades do indivíduo nessa luta. Também há guerra por fora, a guerra contra o demônio.

Nem Cristo nem a Bíblia tomaram jamais o demônio levianamente. No conflito estabelecido no jardim do Éden, foi determinado que o demônio moveria continuo assalto contra a "descendência da mulher", isto é, a humanidade. Desde então, êle estabeleceu o seu reino na terra, ou seja, "os dominadores desta mundo de trevas", como S. Paulo lhes chama (Ef 6, 12). Contra estes, luta o corpo místico de Cristo, ou seja, a sua Igreja. Daí, como Cristo predisse, haver sempre acusações contra a Igreja Católica, perseguições, perda de alguns membros. Mas a Igreja Católica é invencível porque o Espírito Santo está nela vivificando-a.

Assim como no corpo humano deve haver um espírito, do contrário não há nêle vida, assim também no corpo místico de Cristo o Espírito Santo é o vivificador. Dupla é a obra que êle executa na Igreja. Primeiramente, êle torna santos os homens mediante as graças que dá, particularmente nos sete sacramentos. Estes são: Batismo, Confirmação, Eucaristia ou Comunhão, Penitên-

cia ou Confissão, Ordem, Matrimônio e Extrema-Unção. Por esta mesma razão é que no Credo Apostólico a Igreja é chamada "santa". Ela tem os meios de tornar santos os homens.

Em segundo lugar, o Espírito Santo concede uma graça especial aos Bispos da Igreja, e particularmente ao Bispo de Roma, sucessor de S. Pedro. Esta é a graça da infalibilidade, pela qual o Espírito Santo dirige a Igreja para que ela ensine tudo e somente o que o próprio Jesus Cristo ensinou. Não é isto uma arrogante presunção de retidão da parte da hierarquia, mas sim um dom de Deus. Como tal, êle é humilhante mais do que gerador de orgulho. Nenhum homem ousará falar temerariamente em seu próprio nome quando sabe que é o Espírito Santo, o Espírito de Verdade, que fala nêle.

Nesse grande corpo de Cristo há uma constante e mútua participação de auxílio entre todos os membros. Como S. Paulo diz, "se um membro sofre alguma coisa, todos os membros sofrem com êle; ou, se um membro se regozija, todos os membros se regozijam com êle" (1 Cor 12, 26). E' como sucede com o corpo humano. Se a mão é ferida, o corpo todo sofre, e o corpo inteiro se esforça para ajudar a parte que está ferida, e os olhos para verem o que está mal, os pés para correrem em auxílio, a voz para chamar o médico, e assim por diante. Essa co-participação de bens, especialmente de bens espirituais, é uma demonstração prá-

tica disso a que chamamos a "comunhão dos santos".

E' uma comunhão, isto é, uma união comum, uma confraternização, uma ajuda de uns aos outros. E é uma comunhão de "santos", pois êste último é o nome usual dado por S. Paulo aos cristãos. Eles eram santos, gente santa, porque êsse era o seu único objetivo na vida, e êles tinham recursos abundantes para se tornarem perfeitos como seu Pai celeste era perfeito.

Essa comunhão dos santos estende-se por êste mundo todo. E' uma espécie de cidadania eterna igualmente válida na terra, no Purgatório e no Céu. A Igreja existe no Purgatório, como padecente, nos seus membros que ali estão cumprindo o castigo devido aos seus pecados. Existe no Céu, como triunfante, naqueles que atingiram o seu final e feliz destino.

Entre êsses três estados da Igreja opera-se uma troca de benefícios espirituais. Pelos que estão no Purgatório nós podemos orar, para que êles sejam quanto antes absolvidos dos seus pecados. S. Paulo fala disto numa carta a Timóteo (2 Tim 1, 18). Um amigo de Paulo, Onesíforo, morrera recentemente. S. Paulo lembrou como Onesíforo tinha sido de grande auxílio para êle em Êfeso, e como mais tarde fizera questão de procurar o Apóstolo em Roma. "Conceda-lhe o Senhor achar misericórdia junto a si naquele dia". Aparentemente, pois, Onesíforo não estava no céu e ainda precisava de misericór-

dia. E S. Paulo acreditava que êle podia ser ajudado sendo recomendado a Deus.

Quanto à Igreja no céu, a capacidade de ajudar é ao inverso. Os que estão no céu têm mais riqueza espiritual do que nós, e êsses santos podem rogar a Deus e obter graças para nós. Por nos poderem êles ajudar, nós cremos na oração feita a êles, honramos los como grandes heróis, damos os seus nomes aos nossos filhos no Batismo e na Confirmação, de modo que êles tenham um santo especial que se interesse por êles durante a sua vida.

Muito aqui foi dito da obra do Espírito Santo na Igreja como um todo, porém pouco foi dito dessa íntima e pessoal relação que existe entre cada um dos justos e o Santificador. E' falso supor que na Igreja Católica a aproximação do indivíduo a Deus é gélida, de um formalismo de gelo. O grande número de santos oficialmente proclamados com os mais diversos característicos pessoais, e a popularidade e diversidade das devoções que há na Igreja, são apenas os sinais mais elementares de um contacto com o Espírito Santo, contacto que é tão pessoal como é frutuoso.

Êste é o modo pelo qual os pecados são perdoados.

Devia-se saber bastante sobre o pecado, já que tantos se cometem. Mas, infelizmente, até mesmo as mais simples idéias sobre o pecado estão encobertas numa densa névoa de confusão.

Muita gente pensa do pecado como de fazer alguma coisa errada. Mas por que errada? Será que o pecado é errado apenas por ser contra aquilo que a alguém foi ensinado? Ou, como alguns parece pensarem, será apenas um conflito, no indivíduo, causado por uma diferença entre o seu modo de agir e os costumes geralmente aceitos dos seus próximos? Acaso o pecado consiste em ser apanhado em falta, ou é justamente um senso de vergonha? Muita gente parece não ter idéia definida dêle.

Incertos da natureza do pecado, muitos também fazem confusão sobre o que pode ser feito para evitá-lo. Alguns parece pensarem que nada pode ser feito — que o homem é essencialmente corrompido e só pode é entregar-se à misericórdia de Deus. Outros simplesmente esperam não ser colhidos em falta.

Observando, de um lado, a fá-



cil tolerância do pecado, e, de outro, ouvindo o aviso do castigo do inferno, o homem comum é tentado de concluir que tudo isso está sendo algo exagerado. Pode assumir a atitude assim expressa: "Será realmente tão necessário fazer alguma coisa a respeito do pecado?

Afinal de contas, os homens não parecem capazes de ficar muito tempo sem cometer certos velhos pecados, e os pecadores não parecem ficar lá menos felizes por isso".

O que todo homem precisa ter é uma adequada compreensão da natureza do pecado, e do que fazer a respeito do pecado. Do contrário, a humanidade bem pode ser oprimida pela enormidade do mal e precipitar-se no desespero.

Seja lá o que mais possa ser o pecado, êle é um mal real, e não apenas um mal imaginário. Uma lei é infringida algures, e o nosso juízo nos diz que nós somos menos felizes pela havermos infringido. Deus nos deu uma lei que devemos seguir. Essa lei está expressa nos Dez Mandamentos. Chamamos-lhe uma lei moral, porém ela não é menos real do que

As leis físicas que governam a natureza. "Não matarás" é exatamente tão absoluto como "Tudo - que sobe tem de cair".

As pessoas geralmente sabem da existência dessa lei moral por lhes haver sido ela ensinada, ou por terem lido a Bíblia, ou por terem ouvido pregarem-na. Porém, mesmo fora disto, cada homem tem o seu bom juízo para lhe dizer como aplicar a lei. Isto é chamado "consciência".

Tem-se falado muitíssimo e compreendido pouquíssimo sobre a "pequena, tênue voz da consciência". Para alguns, ela se tornou uma coisa misteriosa, subjetiva, que pode ser negada ou ignorada se os seus severos avisos se intrometerem na indulgência do pecador para com o pecado; embora, na realidade, a consciência não seja uma coisa vaga e irreal que a gente possa permitir-se ignorar. Ela é a nossa mente em obra — dizendo-nos o que é certo e o que é errado.

A consciência é a aplicação do bom juízo — o balanço das nossas ações com as leis pelas quais respondemos. Há uma lei divina por trás de nós, a qual devemos aceitar livremente. Se formos contra ela, vamos contra a ordem no universo e destruímos a ordem em nós mesmos. Quando os sucos no estômago estão fora de equilíbrio, nós sofremos dor de estômago. Quando cometemos o pecado, ganhamos uma dor de consciência. Mas a dor é mero sintoma; a doença reside na desordem do livre-arbítrio.

Livre de escolher

O pecado ofende a Deus. Isto é bastante natural. Deus fez tudo no mundo ordenadamente, e pretende que tudo funcione suavemente de acordo com os seus planos. Com as coisas materiais isso é fácil — devem elas operar de acordo com as leis naturais. Mas o homem tem o livre arbítrio. Pode usá-lo para violar a ordem que Deus pretende, e, assim fazendo, ofende a Deus.

Não bastará dizer: "Bem! ele fez o nosso livre arbítrio e, assim, é responsável se nós usamos mal dele". A vontade não é forçada. Deus fez o homem livre, de modo que a obediência do homem fôsse o bem supremo no universo. O deixar ele de obedecer é que é o mal supremo.

Como é grave essa ofensa a Deus! Medida pela nossa capacidade de ferir a Deus, poderíamos dizer: "Não é tão má assim". Porque, realmente, com os nossos vis pecados nós não podemos fazer mal a um Deus que é infinitamente feliz e que prescinde perfeitamente de nós. Porém, medidos do ponto de vista de Deus, os nossos pecados podem ser infinitamente graves.

Isto é o pecado

Ofender um cão não é tão mau como ofender a própria mãe. Ofender a bandeira do país é uma coisa odiosa. A ofensa mede-se não tanto por ela mesma como pela coisa ofendida. Um cão não pode ser muito ofendido pelos nossos pecados. Mas nossa mãe pode ser profundamente ferida,

e a ofensa feita ao nosso país pode ser muito grave. Ofender a Deus é uma ofensa infinita aos seus olhos, por ser êle infinitamente bom e infinitamente imerecedor de ser ofendido. Assim, embora o nosso pecado não seja infinito de nossa parte, Deus é infinitamente ofendido.

Há duas sortes de pecado. Um é o nosso próprio pecado pessoal. O outro é o pecado de Adão. Este foi uma peculiaríssima espécie de pecado, porque Adão tinha uma peculiaríssima situação como chefe do gênero humano. Por desígnio de Deus, o pecado dêle não afetou só a êle, mas a todos nós que vimos ao mundo depois dêle.

Deus pretendia fazer do homem uma criatura altamente dotada, cada um seguindo o modelo de Adão. Mas Adão pecou, e o modelo foi quebrado. Todos os indivíduos que vieram depois dêle foram feitos num molde defeituoso. Assim como êle transmitiu á seus filhos a vida natural, também lhes transmitiu um estado de desordem moral. Os homens nascem sem aquela graça sobrenatural — aquela participação da vida divina — que Deus pretendia que êles tivessem. Deus ficou desgostoso com a raça em geral, e com cada indivíduo que nascia com o pecado de Adão. Este pecado, a que chamamos pecado "original", foi transmitido a todos os homens, e agravado múltiplas vezes pelas transgressões pessoais dos homens. A desordem campeou no mundo.

Deus perdoará

Era possível o perdão em tais circunstâncias? Considere o caso de Adão. Ele cometera um pecado pelo qual Deus era infinitamente ofendido. Ora, o homem é incapaz de praticar um ato infinito. E isto era justamente o que era requerido para reparar a ofensa infinita. Adão perdera o estado sobrenatural pelo seu ato de pecado. Como podia então, com forças naturais, reparar um crime como o que êle cometera num estado sobrenatural? Ele ficou como um homem que perdeu os óculos, tateando em volta à procura dêles. A própria coisa de que êle precisava para essa procura estava perdida.

Os homens procuraram por perdão nesse estado de vida sobrenatural perdida. São Paulo relata quão sem esperança era a luta. A Lei de Moisés fôra dada para tornar êsse trabalho mais fácil. Porém mesmo isso era inadequado. O pecado tirava pretexto da Lei para se tornar mais dominador ainda. S. Paulo viu o seu conhecimento do pecado tornar-se mais claro mesmo quando a sua capacidade de guardar a Lei diminuíra, e travou uma frouxa batalha entre o "quero" e o "posso". Finalmente exclamou: "Quem me livrará dêste corpo de morte?" (Rom 7, 24).

Deus poderia ter concedido o perdão nessas circunstâncias. Mas isso deixaria a justiça insatisfeita, e Deus é muito ordenado. Mesmo do nosso ponto de vista

isso teria sido, mais propriamente, insatisfatório. Suponha que nós ofendamos muito a alguém, e que só depois de longo tempo possamos fazer-nos reconhecer a nossa culpa, engolir o nosso orgulho e ir pedir perdão. Isto, dizemo-nos a nós mesmos, é o que há de nobre e mesmo de dignificante a fazer. Mas que será se a nossa vítima se virar para nós e disser: "Oh! eu tinha esquecido tudo isso"? Nós ficamos humilhados, e a nossa dignidade humana é submergida.

Assim, se Deus apenas dissesse: "Oh! esse pecado que cometestes — eu logo o ignorarei desde que comeceis a fazer algo para de algum modo repará-lo", nós ainda nos sentiríamos não justificados. Mas, em vez disso, Deus montou-se nos seus direitos. Ele era o único ofendido. Exigiu satisfação, ordem restaurada no seu universo, pleno pagamento.

Cristo o Salvador

"Mas, quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido da mulher, nascido sob a Lei, para que redimisse os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos" (Gál 4, 4). Esta foi a solução de Deus — plano verdadeiramente divino. Ao homem seria dado outro chefe que poderia oferecer a satisfação. Para oferecer uma satisfação infinita, o nôvo Adão teria de ser uma Pessoa infinita, capaz de ações infinitas no seu valor. E foi por isto que a segunda pessoa da

SS. Trindade, Jesus Cristo (que era Deus), se fez o nôvo Adão. Mas, para nos ajudar, êle teria de ser da nossa própria natureza, senão nós não poderíamos compartilhar a sua chefia. E foi por isto que êle se fez homem.

S. Paulo disse: "A Deus Pai aprouve que nêle habitasse toda a sua plenitude, e que, por meio dêle, êle reconciliasse consigo todas as coisas, quer na terra quer nos céus, fazendo a paz por meio do sangue da sua cruz (Col 1, 19-20). E aos Efésios êle disse que era plano de Deus, "na dispensação da plenitude dos tempos, restaurar todas as coisas em Cristo" (Ef 1, 10). Foi assim que Cristo expiou pela raça dos homens.

Pesar pelo pecado

Como é que podemos participar dêsse perdão? Já vimos (artigo IV) que não somos perdoados simplesmente pelo fato de sermos homens. Nem mesmo por simplesmente crermos em Cristo. Devemos ter fé nêle, é verdade. Isto é o começo. Mas devemos igualmente ter pesar das nossas culpas. O próprio Cristo pregou: "Se não vos arrependeirdes, perecereis todos do mesmo modo" (Lc 13, 3). O mal do pecado estava no nosso livre arbítrio que preferiu a nossa própria desordem à ordem de Deus. Devemos inverter a situação, admitindo que pecamos, repudiando o nosso mal e propondo seguir o designio de Deus.

Além disto, devemos usar os Sacramentos. Já falamos dêstes

ritos essenciais que Cristo deu à sua Igreja (artigo VI). Os homens não podem ser salvos sem alguns dêles. Todos êles são importantes, mas, sem alguns dêles, como o Batismo, os homens simplesmente não podem ser salvos. O Batismo é o rito que suprime o estado de pecado original.

Note que êle suprime o pecado. Não encobre simplesmente o pecado. Se você derrama no chão um vidro de tinta, pode lançar um pano sôbre o lugar e esconder a mancha. Porém a nódoa fica. O Batismo realmente tira fora o pecado; penetra, por assim dizer, nas fibras do espírito e purifica o homem. S. Paulo fala muitas vêzes disto — o homem torna-se justo da justiça de Deus. A justiça de Deus não é uma encobridora de nódoa, nem o é, tampouco, a nossa justiça. O Batismo realmente perdoa — realmente apaga a mancha do pecado original. Também tira quaisquer pecados pessoais que estejam presentes e de que a pessoa se arrependa.

Além do Batismo, o Sacramento da Penitência, ou Confissão como freqüentemente dizemos, foi-nos dado para apagar os pecados pessoais cometidos após o Batismo. Também êle opera uma real renovação no homem. Mais uma vez os méritos do nosso chefe, Cristo, são aplicados a uma alma que os pede à Igreja de Cristo.

Um terceiro sacramento também foi dado que pode tirar fora

o pecado. S. Tiago fala da Extrema-Unção dos doentes, a qual prepara o homem para a morte, “e, se êle estiver em pecados, êstes ser-lhe-ão perdoados” (Tgo 5, 15).

Uma dificuldade é amiúde suscitada contra o Sacramento da Penitência, como se fôsse coisa indigna um homem confessar seus pecados a outro homem — mesmo sendo êsse outro homem um ministro para êsse fim designado por Cristo. E’ estranho que essa objeção não seja igualmente suscitada contra o Batismo, pois um homem não pode batizar-se a si mesmo, como também não pode perdoar os seus próprios pecados. Todavia, algumas pessoas pensam ser pouco dignificante, tirânico e mesmo ridículo que os católicos tenham de se confessar aos seus sacerdotes.

E’ inteiramente claro que Cristo pretendeu isto. O poder que êle deu aos seus Apóstolos (“aquêles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e aquêles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 23), era um poder que podia virar para um ou para outro lado — para perdoar ou para reter. Certamente, seria uma incrível tirania se os sacerdotes devessem exercer êsse poder segundo os seus meros caprichos. Mas o poder a êles dado por Cristo foi um poder de juízo, e, assim como um juiz num tribunal deve conhecer os fatos antes de poder proferir retamente a sua decisão, assim também o sacerdote deve conhecer os peca-

dos que se lhe pode perdoar ou reter. O penitente é o seu próprio acusador, e deve acusar-se.

Este é o modo pelo qual Cristo pretendeu que os homens obtivessem o perdão. Quem discutirá com êle? Ele era o único ofendido. Podia exigir que fôsse observado o seu modo de perdão. E o seu modo tinha a grande vantagem de permitir que um homem que se confessasse pudes-

se realmente estar seguro de haver sido perdoado.

Por isto, à pergunta: "E' possível o perdão?", nós respondemos: "Não é só possível, mas certo, se cumprirmos as exigências de Cristo. A vinda de Cristo possibilitou-nos unirmo-nos a êle pela fé, pelo pesar das nossas culpas e pelo uso dos Sacramentos".

"Sim, você pode viver para sempre com Deus."

Quando falamos do "fim" de alguma coisa, geralmente entendemos que "é tudo — não há mais". Mas, em outro sentido, essa palavra significa uma meta a ser atingida. E a velha tradição religiosa falava do Céu como do "fim" do homem. Certamente isso não queria dizer: "Isso é tudo o que há para a história, e é também uma coisa bem triste". Mui devidamente se referia ao destino eterno do homem mediante o alcance da meta final para que ele foi criado.

A vida é uma provação, como todos nós sabemos, e da qual muitas vezes murmuramos. Mas é uma provação estabelecida por Deus, e tem uma finalidade, e chegará a um fim. Como antes dissemos, Deus criou o homem para que o homem livremente escolhesse Deus. E' a decisão maior e mais sensível do homem. E a nossa vontade, que é tão livre de escolher o bem ou o mal, deve um dia topar com as sólidas e inamovíveis conseqüências da sua escolha. "O fim" é ou uma recompensa pela escolha da ordem de Deus ou um castigo pela escolha da nossa própria desordem.



Todo o plano cristão de vida supõe que o homem escolherá Deus. Para este fim foi-lhe pregado o Evangelho, para que ele conhecesse a Deus. Deus tratou-o com misericórdia e liberalidade, para que ele fôsse atraído a amá-lo. O Espírito Santo derramou sua graça para que o homem vivesse da verdadeira vida de Deus. Como assinalamos no Artigo II, a graça dá-nos um novo meio de conhecermos e amarmos a Deus. Mas é êsse ainda um meio imperfeito, estorvado por todos os defeitos da nossa natureza decaída e pelo estado de provação em que nos achamos. Um dia a nossa natureza tôda deve atingir aquela perfeição para a qual foi destinada. O cristão será então, finalmente, capaz de se deixar levar ao amor de Deus.

A primeira perfeição dêsse estado final é para o corpo. A morte e os seus males auxiliares, doença, deformidade e distúrbios físicos, são o resultado do pecado. Mas Cristo venceu o pecado. Finalmente, deve também vencer a morte (1 Cor 15, 26). O próprio Cristo venceu pessoalmente a morte ressuscitando dos mortos.

—Tavemos todos de imitar essa —ressurreição nos nossos próprios —corpos. “Mas agora Cristo resuscitou dos mortos, como as primeiras dos que dormiram. Portanto, assim como por um homem veio a morte, assim também por um homem veio a Ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados” (1 Cor 15, 20-22).

E’ fácil fazer gracejos das melhores coisas, e a ressurreição do corpo não fêz excessão a isso. Os homens que gostam de parecer superiores dizem às vêzes: “Para onde é que vão todos êsses corpos, para de lá virem na Ressurreição? Alguns estão espalhados em várias partes da terra; alguns foram cremados, e as cinzas foram lançadas de aeroplanos. E que dizer do canibal que comeu o missionário? Acaso o missionário ressuscitará como parte do canibal?”

Os homens do tempo de S. Paulo puderam excogitar objeções melhores do que essa. Perguntavam como era que um corpo natural podia entrar num estado celeste que admitidamente era espiritual. E S. Paulo pôde fazer uma expressiva comparação. O corpo que ressuscitará no último dia já não é o corpo atual, tal como o campo de grão doirado já não é como a rugosa semente que é posta dentro da terra no tempo primaveril. Teremos os nossos próprios corpos, mas êstes estarão mudados. “O que é semeado na corrupção ressuscitará na incorrupção; o que é semeado em

desonra ressuscitará em glória; o que é semeado em fraqueza ressuscitará em fôrça; o que é semeado como um corpo natural ressuscitará como um corpo espiritual” (1 Cor 15, 42-44).

Quanto ao mecanismo disso, podemos seguramente confiar a Deus o saber como fazê-lo. Deus parece ter feito uma boa coisa fazendo o universo como êle é. Podemos com segurança presumir que aquêle que criou tudo do nada não terá dificuldade com a tarefa de ressuscitar os corpos dos defuntos. Uma pessoa, só porque não compreende como a eletricidade opera, não vai negar a existência desta.

A mansão final dos corpos dos justos será o Céu. O Céu tem sido pintado como um estúpido lugar por aquêles que se enfatiam da religião. Eles visionam mulheres tristes, belas, tocando harpas, crianças empanturrando-se de sorvetes e de bolos, e homens de boa aparência, de meia idade, vagueando por lá incômodamente metidos em alvas túnicas e cingidos de auréolas de ouro. Eles fazem tudo isso aparecer como digno de se procurar duramente alcançar.

Porém as singelas representações que têm sido feitas para dar alguma idéia do céu não deveriam ser desprezadas apenas por serem singelas. A glória do Céu é tão grande que nos é impossível pintar o que êle realmente é. Como disse S. Paulo, “olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem no coração do homem entrou, o

venh? Absolutamente não. Deus deu aos homens ampla capacidade de evitar o inferno; acumulou os meios de ir para o céu. Se, a despeito de tudo isso, os homens insistem em ir para o inferno, Deus não os impedirá disso. E' verdade que nós podemos pensar que o castigo está fora de proporção com a ofensa. Mas isto é porque nós não apreciamos como o pecado é realmente mau. Porém esta falta de apreciação não muda a natureza do pecado, que é uma revolta contra Deus. A justiça exige que semelhante anarquia no universo seja esmagada.

Os que rejeitam os ensinamentos de Cristo clamam que é grotesca e sádica a idéia de um

Deus que castiga o pecado com fogo eterno. Escarnecem o cristão como sendo um "sabido" que se provê a si mesmo com um futuro confortável e condena ao inferno aqueles que se lhe opõem. Esta atitude, por certo, não altera os fatos. A dupla vida de felicidade ou de dor no além-túmulo não é alguma coisa em que nós cremos por sermos tão esper-tos. E' algo em que nós cremos porque Deus o disse.

Essa é a última verdade no Credo Apostólico. O Credo Católico não é uma afirmação daquilo que nós pensamos ser uma religião conveniente para os nossos tempos. E' uma afirmação daquilo que nós cremos porque Deus no-lo disse.

SUMÁRIO

"Creio" quer dizer "Conheço"	3
Deus... Pai Todo-Poderoso e nosso Criador	5
A Criatura chamada "Homem"	10
O Homem chamado Cristo	16
O que significa para nós a morte de Cristo	21
Também nós ressuscitaremos dos mortos?	27
O Espírito Santo está na Igreja	32
Este é o modo pelo qual os pecados são perdoados	38
Sim, você pode viver eternamente com Deus!	44

